

Data: 25.08.2020

Titulo: "A probabilidade de ela desenvolver doença grave é muito pequena", diz o...

Pub:



QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;32

Primeira pessoa reinfectada com coronavírus

"A probabilidade de ela desenvolver doença grave é muito pequena", diz o virologista Pedro Simas ao i // PÁG. 32



Área: 599cm² / 34%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6925742



Caso foi detetado no aeroporto de Hong Kong. Homem de 33 anos regressava de Espanha

ANTHONY WALLACE/APP

China. Descoberto primeiro caso de reinfeção de covid-19 no mundo

O paciente estava a regressar a Hong Kong de uma viagem a Espanha quando foi detetado no aeroporto que estava infetado com coronavírus.

HUGO GEADA
hugo.geada@online.pt

Investigadores chineses detetaram o primeiro caso de reinfeção pelo novo vírus. O paciente é um homem de 33 anos de Hong Kong que foi detetado com a segunda infeção por covid-19 quatro meses e meio depois de ter sido infetado pela primeira vez. A confirmação foi feita quando regressava de uma viagem a Espanha.

Relativamente ao impacto que esta notícia pode ter na evolução do vírus, o virologista Pedro Simas explicou ao i que a reinfeção "faz parte da ecologia do vírus e, em termos pandémicos, não tem grande significado". Tudo, porque os anticorpos desenvolvidos quando existe infeção por covid-19 são de curta-duração.

Na grande maioria dos casos, explicou Pedro Simas, o vírus provoca "uma infeção ligeira do trato respiratório superior e provoca uma inflamação, uma resposta inflamatória, pequena". Aí, a pessoa desenvolve uma resposta, que passa pela criação de "uma memória imunológica celular e uma resposta de anticorpos". A resposta de anticorpos não é duradoura, como acontece, por exemplo, com o sarampo e, por isso há possibilidade de reinfeção. No entanto, "quando há reinfeção, a pessoa é reinfetada, mas já com imunidade celular, então a probabilidade de ela desenvolver doença grave é muito pequena", explicou o virologista.

"Se isso fosse um problema grave, com impacto epidemiológico, era um problema que já era mais evidente, por exemplo, em lugares como Nova Iorque, em que já passaram cinco ou seis meses e já há mais

de 20% de imunidade de grupo", acrescentou Pedro Simas.

Apesar de já terem sido reportados supostos casos de reinfeção, esta foi a primeira vez que uma equipa médica confirmou com testes médicos rigorosos. Tendo em conta estes números, Pedro Simas defendeu que "é uma prova epidemiológica de que o papel que a reinfeção tem, em princípio, não é problemático".

O "paciente jovem e saudável" foi diagnosticado pela primeira vez em abril, altura em que apresentou sintomas ligeiros. Desta vez não teve qualquer sintoma, o que levou os investigadores a admitirem a possibilidade de se tratar de uma reinfeção.

Apesar de no início os responsáveis de saúde acreditarem que se tratava de um "portador persistente", como escreve a *RTHK*, depois de determinarem a sequência genómica do vírus, descobriram que existem diferenças entre as estirpes do vírus com que o paciente foi infetado pela primeira vez, tratando-se assim de um novo caso de covid-19. O genoma do vírus que afetou pela segunda vez o homem tem semelhanças ao que circulou na Europa entre julho e agosto.

"Muitos acreditam que os pacientes que recuperaram da covid-19 possuíam imunidade contra uma reinfeção porque a maioria desenvolveu uma resposta de anticorpos neutralizantes. No entanto, há provas de que alguns pacientes apresentam uma diminuição do nível de anticorpos alguns meses depois", disseram os investigadores à *RTHK*. "As nossas descobertas sugerem que o SARS-CoV-2 pode persistir na população humana global, como

é o caso de outros coronavírus associados à constipação comum, mesmo que os pacientes tenham adquirido imunidade através de uma infeção natural".

AS VACINAS NA CHINA E NA ITÁLIA Foi ontem revelado que a China autorizou o uso de potenciais vacinas para a covid-19 em funcionários hospitalares, para "casos de emergência". Em entrevista à *CCTV*, o diretor do Departamento de Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Comissão de Saúde, Zheng Zhongwei, revelou que pessoal médico e funcionários das alfândegas foram vacinados. "Estes grupos foram escolhidos porque têm maior exposição ao novo coronavírus. A maioria dos casos que a China agora regista são importados, então as autoridades fronteiriças são também um grupo de alto risco", explicou.

Itália também começou ontem a testar em humanos uma vacina criada e desenvolvida no país contra o coronavírus e patenteada no país, anunciou a empresa biotecnológica *ReiThera*.

A vacina já superou as provas pré-clínicas em 'in vitro' e em animais. Os primeiros resultados evidenciaram uma forte resposta imunitária e um bom perfil de segurança, de acordo com as autoridades de Lazio.

Os primeiros cinco voluntários a receber a vacina são homens, entre os 31 e os 46 anos, que superaram os exames médicos preliminares e comprovaram a sua idoneidade. Caso não apresentem efeitos secundários a vacina será aplicada numa dose maior a um segundo grupo de voluntários nos dias 7 e 9 de setembro.

*Com Rita Pereira carvalho